

474D

O TEMPO FEMININO

(Drama em um Acto)

Miguel Rovisco

1985

PERSONAGENS

D. Maria I, rainha de Portugal

Henriqueta Júlia, duquesa de Lafões

Rosa, criada negra

Dama Amarela

Dama Verde

↳ Dama Encarnada

Dama Azul

Criada cega

Confessor

Dois homens

Um chimpanzé

Portugal, finais do século XVIII

CENA I

Um quarto sem janelas e sem espelhos. O papel da parede tem grandes flores pintadas.

A esquerda, uma porta; ao canto, um oratório: uma cruz, imagens de santos, rosários.

A direita, uma lareira apagada, grande de mais para o tamanho do quarto, para onde se encontram atirados vários jornais; ao canto, inúmeras jarras cheias de flores, plantas trepadeiras pelas paredes — como que uma pequena floresta. Há igualmente jarras com flores no oratório, sobre a lareira e algumas — poucas — espalhadas pelo chão: todas as flores murcenas.

Sentada diante de uma mesa redonda, de colcha florida, encontra-se Henriqueta Júlia, olhando com frieza para uma mulher ajoelhada perto do oratório: trata-se de D.Maria, com um xaile pelas costas, que reza num murmúrio irregular.

Duas velas acesas — uma sobre a lareira, outra no oratório — iluminam fracamente o quarto.

Ouvem-se cães ladrar, muito longe.

Decorrem alguns momentos.

A porta abre-se em silêncio e entra uma criada negra, vestida com muitas rendas e fitas coloridas: chama-se Rosa. Com um tabuleiro nas mãos, olha servilmente para D.Maria.

Henriqueta, sempre com frieza nos olhos e nos gestos, faz-lhe sinal para poisar o tabuleiro sobre a mesa. A criada executa. Por breves instantes, Rosa olha fixamente para a mulher sentada.

Henriqueta (Num sussurro, ríspida.) Não me olhe.

A criada sai, fechando a porta.

Pausa.

Henriqueta, com a ajuda de uma faca, começa a descascar uma laranja que vinha no tabuleiro, cortando a casca aos pedaços.

D.Maria (Ajoelhada diante do oratório.) Amen, Jesus, amen, Jesus... amen, amen, amen...

A mesa, Henriqueta encolhe os ombros.

D.Maria desajoelha-se benzendo-se repetidamente. Com um rosário nas mãos, dá alguns passos inseguros pelo quarto.

D.Maria (Parando diante da lareira muito escura, esfregando os braços com frio.) Se eu fosse livre, não estaria aqui. (Pausa longa. Afasta-se da lareira, beijando o rosário.) Virgem Maria... (Dirige-se até à mesa.) Hoje demorei ainda mais tempo, creio.

Henriqueta (Levantando-se e fazendo uma vénia.) Senhora...

D.Maria - Deixe-se de cerimónias, continue sentada - que lhe importa quem eu sou ?

Silêncio por parte de Henriqueta, que torna a descascar a laranja.

D.Maria (Insistente.) Fiz-lhe uma pergunta. (Silêncio.) Vejo que não me quer responder: não é amiga de respostas.

Henriqueta (Acabando de preparar a fruta.) Aqui tem: a sua laranja.

D.Maria - Nem de respostas nem de palavras: prefere o silêncio... - estou a falar de si, menina !

Henriqueta - Bem o sei. (Pausa.) Eu não sou surda.

D.Maria (Admirando a mulher que tem à sua frente.) Tão nova... tão velha ! A juventude não acaba, envelhece: ganha bolor como a fruta.

Henriqueta - Tenho as minhas razões para gostar do silêncio.

D.Maria - E eu respeito essas suas razões, Sra.Duquesa - ou deverei antes dizer Sra. Minha Tia, a Duquesa ?

Henriqueta - A soberana de Portugal pode dizer aquilo que mais lhe agradar.

D.Maria - A sério ?

Henriqueta - A sério.

D.Maria (Sentando-se perto da mesa numa cadeira de braços.) Se eu tivesse possibilidade... se as palavras fossem como as flores !

Henriqueta - As pétalas murchan.

D.Maria - Mentira !

Henriqueta - Com o tempo.

D.Maria - As flores são sempre belas e têm sempre um perfume doce.

Henriqueta - Um perfume pesado, enjoativo; mal se consegue respirar neste quarto. Aqui a atmosfera é densa como num velório.

D.Maria - Curioso; dão-nos flores à nascença e flores depois de mortos.

Henriqueta - É para recompensar-nos dos coices que recebemos pela vida fora. (Pausa.) A sua laranja.

D.Maria - Hoje demorei quase a tarde inteira às voltas com o rosário.

Henriqueta (Irónica.) "Quase".

D.Maria - Sim, quase - que tem ?

Henriqueta - "Quase" é uma palavra sem significado.

D.Maria - O problema ~~oculta-se~~ ^{OCULTA-SE} aí; todas as palavras aos poucos e poucos vão perdendo